

## ORTOGRAFIA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALGUMAS IDÉIAS

*Olívio Lopes Vicentini*

Por ocasião da participação do Centro de Língua e Literatura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, em palestras sobre o "Ensino de Redação no Primeiro Grau", promovidas pela 6ª DE sediada em Santa Cruz do Sul, afluíram, na discussão com os professores participantes, um problema sério no ensino de língua portuguesa nessa região: COMO LEVAR O ALUNO A CORRIGIR OS ERROS DE ORTOGRAFIA QUE COMETE AO ESCREVER?

Afirmam os professores que são cometidos os mais variados tipos de erros ortográficos, mas que o mais preocupante é o da troca de letras no texto escrito, principalmente de "b por p, t por d, f por v, s por z, e vice-versa".

Questionados sobre possíveis causas da ocorrência de tal fenômeno, os professores foram unânimes na defesa de duas causas principais:

- 1) a descendência alemã de seus alunos e
- 2) a conservação e uso de dialetos da língua alemã.

Afirmam, inclusive, que alguns alunos vêm para a escola "falando só o alemão", o que "dificulta o trabalho de alfabetização" (depoimento de uma professora).

O problema agrava-se na medida em que alunos de outras origens étnicas também passam a cometer tais equívocos, o que demonstra, à primeira vista, que as causas não podem estar somente na descendência alemã dos alunos.

Este texto pretende levantar algumas idéias para alimentar a discussão desse problema e, ao mesmo tempo, listar algumas sugestões de como atacá-lo. Saliente-se, todavia, que o texto não terá caráter científico e muito do que for dito diz respeito a nossa prática de sala-de-aula no ensino de língua portuguesa. É nosso desejo, portanto, que as idéias aqui levantadas e as sugestões apresentadas sejam encaradas como sugestões para serem discutidas, testadas, etc.

Convém registrar também que a experiência de ensino de língua portuguesa que transparecerá no texto vinha sendo concretizada no município de Ijuí(RS) em algumas escolas do perímetro urbano e noutras do meio rural e embasava-se na proposta metodológica para o ensino de língua portuguesa elaborada pelo professor João Wanderley Geraldi, por ele chamada de "Subsídios Metodológicos para o Ensino de Língua Portuguesa no Primeiro Grau (5ª a 8ª série)"<sup>1</sup>.

Quanto às duas possíveis causas da ocorrência do problema de trocas de letras, levantadas anteriormente pelos professores (a descendência alemã e a conservação e uso de dialetos da língua alemã pelos alunos), convém salientar que nessa região foi realizada em 1975 uma pesquisa, relacionada com esse problema, pelo professor Ingo Voese<sup>2</sup> interessado nesse assunto, pois estava convicto de que "... o homem sem domínio pleno do principal instrumento de comunicação, a língua, marginaliza-se num processo cultural"<sup>3</sup>.

Nessa região, a colonização efetivou-se quase que exclusivamente por alemães ou por descendentes de alemães. Estes conservam seus "dialetos" da língua alemã (e com toda razão, diga-se de passagem) como forma de interrelacionamento no meio em que vivem. Ainda hoje, embora existam pessoas de outras etnias nessa região, o predomínio das pessoas de origem alemã é absoluto. E o fato de conservarem suas variáveis lingüísticas de origem é significativo (a língua ao mesmo tempo em que é algo cultural, serve para representar a sua cultura, sua história...), não podendo, em hipótese alguma, ser ignorado pela escola.

Por outro lado, a preocupação do professor citado parece ser significativa porque cabe à escola ensinar a variável de português considerada a língua padrão, já que os meios de comunicação social veiculam suas informações (se assim podem ser chamadas todas as babosisses que assistimos diariamente pela TV) utilizando-se da língua padrão; ou ainda porque o não domínio mais amplo da língua oficial, mesmo a nível ortográfico, pode significar marginalização dos grupos sociais que falam a língua alemã em relação aos demais grupos que constituem a sociedade brasileira.

A pesquisa citada parte da hipótese de que "...se o sistema fonológico da língua se constrói a partir de oposições entre traços distintivos, a inobservância de uma oposição atingiria o sistema, não formas isoladas apenas,"<sup>4</sup>. No sistema fonológico da língua alemã não é relevante e nem significativa a diferença, por exemplo, entre consoantes surdas

e sonoras, como comprova o professor no trabalho citado. Em contraposição, o sistema fonológico da língua portuguesa está construído, fundamentado nessa oposição.

Vejam os casos para exemplificar: --Um fonema da nossa língua é constituído de traços que o caracterizam como tal. Muitos desses traços são análogos em vários fonemas da língua portuguesa. Tanto é assim que um "p" possui n traços que se assemelham aos do "b":

	consoante			consoante
/p/	oclusivo	semelhantes	/b/	oclusivo
	bilabial			bilabial
	surdo	dissemelhantes		sonoro

Os três primeiros traços dos dois fonemas são análogos, restando apenas o traço surdez X sonoridade para distingui-los como fonemas da língua portuguesa. Veja-se que se trata de uma diferença mínima e sutil, não tão facilmente percebida pelo falante comum de língua portuguesa. De fato passa-se a perceber a diferença entre fonemas tão semelhantes quando ".../p/ e /b/ distinguem-se não tanto pela surdez de um e sonoridade de outro, mas porque na base dessas duas realizações se marca a diferença sônica de formas de uso e significação distintas, como pote, bote, aperto, ..."5, conforme diz Mattoso. Mesmo assim a dificuldade será ainda maior para o falante de uma língua estrangeira como é o caso dos de origem alemã.

A pesquisa do professor Voese, realizada numa localidade do interior do município de Santa Cruz do Sul, mais precisamente numa escola onde quase todos os alunos falavam o "alemão", chegou à seguinte conclusão: "...a influência do sistema nativo (uso indistinto de consoante forte ou fraca na maioria das palavras) não atinge fonemas isolados da língua portuguesa, mas todo o sistema, eliminando uma oposição que é própria deste sistema fonológico."6 Ou seja, chegou à conclusão de que os alunos descendentes de alemães, por falarem a língua alemã, apresentam uma maior dificuldade na aquisição do domínio da língua portuguesa. Prova disso são as constatações de erros ortográficos (trocas de letras) que o professor registrou em seu trabalho: --100% dos alunos da escola cometiam, em maior ou menor escala, erros ortográficos relacionados com a sua tese.

Talvez decorram daí, pelo menos em grande parte, os equívocos anteriormente citados: as constantes trocas de letras cometidas pelos alunos dessa região. Mas como poderia ser explicado o fato de haver pessoas de outras raças come-

tendo os mesmos equívocos? Note-se que muitas destas não falam duas línguas distintas, uma nativa e outra estrangeira. A não ser que se considere a variável lingüística do português falado pelo aluno como língua nativa e a língua padrão ensinada na escola (se é que a escola ensina a língua padrão) como língua estrangeira. Mesmo assim, o caso dos de origem alemã é mais complexo, já que o aluno tomará contato com três línguas diferentes: o dialeto do português que ele ouve e fala na rua, o dialeto do alemão falado em casa, a variável do português ensinada na escola. Deduzir-se-ia, portanto, que o grau de dificuldade na aprendizagem da língua padrão dele é bem maior em relação ao do descendente de português, africano, ... que só fale a língua portuguesa em uma mais de suas variáveis.

Embasando-se na afirmação do lingüista Ronald Langacker, no livro "A Linguagem e sua Estrutura", e como, no dizer popular, "nessa região só dá alemão", talvez seja possível afirmar que os descendentes de não alemães tenham adquirido um pouco do sistema fonológico da língua alemã. Ronald, referindo-se à aquisição da linguagem afirma que "a única coisa aparentemente necessária é ficar suficientemente exposto à língua em questão".<sup>7</sup>

Mesmo que essa afirmação possa ser relevante na discussão do problema em foco, é objetivo deste texto levantar algumas idéias que possam contribuir para a discussão desse problema. Por isso gostaríamos de trazer à baila mais algumas idéias:

1. "na língua portuguesa não há correspondência ló-gica, regular entre fonema e sinal gráfico usado para representá-lo",<sup>8</sup>
2. o próprio método de alfabetização denominado "Fonético", principalmente quando empregado por professores não bem preparados, pode, se não gerar, reforçar o problema da troca de letras.

Miriam Lemle, num seminário sobre reforma ortográfica, recentemente realizado no Brasil, afirma que "...são seis os pontos de nosso atual sistema ortográfico que trazem desconforto aos neo-reformistas:

1. as muitas letras que temos para representar, em posição intervocálica, a consoante fricativa alveolar surda /s/: ss-, c-, xç-, sç-, sc-;
2. as muitas letras que representam, em posição in-

tervocálica, a consoante fricativa alveolar sonora /z/: z-, s-, x-;

3. as duas letras que competem para representar a consoante fricativa palatal surda /s/: x-, ch-;
4. as duas letras que representam a fricativa palatal sonora /z/: g-, j-;
5. as duas letras que representam, em posição antes de consoante fricativa que segundo a variedade dialetal, pode ser palatal ou alveolar: x-, s- (ex.: extensão, estender);
6. o h em início de palavra."<sup>9</sup>

Isto, por si só, dificulta infinitamente o aprendizado da ortografia da língua padrão no ensino de português. Tanto é assim que é comum recorrermos ao dicionário quando precisamos grafar algo semelhante a "exceção". Não existe lógica na relação fonema/sinal gráfico na língua portuguesa.

O problema se complica ainda mais quando o alfabetizador opta pelo método fonético que, segundo depoimento de professores que participaram das palestras, é o método utilizado nessa região. Este, se não nos falha a memória, trabalha justamente com a relação som/letra.

Ficamos a imaginar um alfabetizador preocupadíssimo com o problema da troca de letras, que parece ser a praga da região, alfabetizando um grupo de alunos, ensinando-lhes o "p" e o "b" -- pato, bato, pala, bala,... A diferença entre os dois fonemas, como já vimos, é muito pequena e sutil. O professor forçará a pronúncia desses fonemas, quando da alfabetização, e a minúscula diferença poderá desaparecer a nível de fala. Estaria criado o problema, ou, se ele já existe, o seu agravamento seria evidenciado, principalmente se o professor realizar a alfabetização sem se preocupar com a significação das formas lingüísticas utilizadas para alfabetizar.

O reforço do problema acontece com frequência, pois normalmente o professor, como atividade de fixação, faz ditados. Ditará, por exemplo, pato, bato,... tentando corrigir o problema da troca de letras; forçará a pronúncia e a minúscula diferença tenderá a desaparecer; o problema poderá se tornar crônico, incurável.

Parece, então, não ser possível guiar-se por um princípio de correspondência regular entre som/letra, o que descartaria a possibilidade de alfabetizar-se pelo método fonético. As pessoas precisam aprender a grafia das palavras, uma por uma, de memória: "mesa é com esse; reza é com zê;

massa é com dois êsses; raça é com cê cedilha; xingar é com xis; cheirar é com cêagã; jeito é com jota; gigante é com gê; homem começa com agã," etc, como diz Miriam.<sup>10</sup>

Além disso, e esse parece ser o entrave maior para desenvolver-se um trabalho de alfabetização utilizando o método fonético, sabemos que cada variante da língua portuguesa apresenta seu sistema fonológico próprio e que, se não é desconhecido pelos alfabetizadores, o é pelo menos ignorado (desconsiderado). E mesmo dentro da variável da nossa língua que foi oficializada, legitimada como a variável padrão do português, as letras apresentam sons diferentes, conforme o contexto lingüístico em que estão inseridas. Os alunos que dominam, a nível de fala, uma variável lingüística, que não a padrão, terão o dobro de dificuldades para alfabetizar-se de cara na língua padrão.

De qualquer forma, o objetivo primordial da escola hoje é propiciar as condições mínimas necessárias para que, no ensino da língua portuguesa, o aluno passe a ter acesso à língua padrão. Contudo, parece ser indispensável que o professor tenha clareza de que está trabalhando com alunos que vêm de diferentes grupos sociais, que dominam variáveis lingüísticas diferentes da padrão, que possuem culturas diversificadas. É indispensável que se faça o aluno viver um processo educacional na escola que lhe possibilite o domínio da língua padrão, até para que possa competir em maior pé de igualdade na sociedade classista em que vivemos. Mas é imprescindível que, no mínimo, a escola respeite a sua língua, a sua cultura. Que não a desconsidere no momento de propiciar "o domínio da variável lingüística padrão".<sup>11</sup>

Levantaremos agora algumas sugestões para que o problema seja trabalhado na escola.

Em primeiro lugar, a ortografia parece ser um problema menos importante se comparado com outros tantos que enfrentamos. Estes são, na verdade, muito mais graves do que aquele (problemas que tentaremos abordar oportunamente). Ortografar equivocadamente parece ser mais um problema de falta de observação, de falta de visualização, de vivência da língua padrão, tanto na modalidade oral como na escrita. No fundo é um problema decorrente da própria situação sócio/econômica do aluno. As pessoas que têm melhores condições econômicas e sociais, têm também maior acesso à cultura, ao livro,... e, conseqüentemente, dominam com maior facilidade a língua padrão. Logo, assim que passe de fato a desenvolver uma prática de expressão, de leitura na escola e na sociedade, os problemas ortográficos, bem como os demais, serão menos evidenciados em seu texto.

Em segundo lugar, o aluno precisa escrever, pelo menos na escola; precisa produzir textos. Quase não escrevemos mais. "A prática da produção de textos"<sup>12</sup> exige do aluno e o leva a um maior domínio da língua. Conseqüentemente passará a ortografar mais dentro das normas da língua padrão.

Ainda assim, parece ser indispensável que o professor desenvolva certas atividades que levem o aluno a viver um processo de "autocorreção"<sup>13</sup> no que diz respeito à ortografia. "Este processo deverá ser desencadeado a partir do texto produzido pelo aluno", ou seja, deverá ter como "princípio norteador partir do erro para a autocorreção".<sup>14</sup>

Para que não cometamos um "escândalo" nos moldes dos que estão em moda nos dias de hoje, principalmente no que diz respeito aos setores econômicos da nossa sociedade, salientamos que as sugestões de atividades práticas que seguem são muito mais do professor João Wanderley Geraldí do que nossas, muito embora ele as ainda não tenha publicado.

O professor (A) terá que adotar um caderno de redação para o aluno (B). Neste, professor e aluno desenvolverão suas aulas de "análise lingüística". Eis algumas atividades possíveis para tentar melhorar o nível ortográfico dos textos dos alunos:

1. A) - Circular os vocábulos que apresentam problemas,  
- transcrevê-los no final do texto, na ordem de ocorrência;  
B) - copiar novamente o texto, substituindo os vocábulos com problemas.
2. A) - Não circular os vocábulos com problemas, mas escrevê-los no final do texto, na ordem de ocorrência;  
B) - comparar as palavras do texto com as que o professor escreveu;  
- substituir os vocábulos com problemas pelos corretos.
3. A) - Circular os vocábulos com problemas.  
- transcrevê-los no final do texto, em ordem alfabética;  
B) - reescrever o texto substituindo os vocábulos com problemas pelos corretos, consultando a listagem alfabética que o professor fez.
4. A) - Não circular os vocábulos com problemas:

- transcrevê-los em ordem alfabética no final do texto;
  - B) - consultar a listagem alfabética que o professor fez;
  - reescrever o texto corrigindo-o.
5. A) - Circular os vocábulo com problemas;- colocar uma listagem em ordem alfabética dos vocábulo com problemas no quadro (abrangendo todos os vocábulo de todos os alunos);
- B) - identificar os vocábulo com problemas consultando a listagem elaborada;
- reescrever o texto corrigindo-o.

6. A) - Não circular os vocábulo com problemas;- fazer uma listagem dos vocábulo com problemas no quadro;
- B) - identificar os vocábulo com problemas;
- reescrever o texto corrigindo-o.

7. A) - Criar junto com os alunos, um código de correção;- sinalizar com o código na margem da redação onde ocorreram erros ortográficos;
- continuar fazendo a listagem dos vocábulo com problemas no quadro.
- B) - Identificar, com o auxílio de colegas (trabalho em pequenos grupos), os erros cometidos;
- reescrever o texto corrigindo-o.

8. A) - Sinalizar com o código os erros cometidos.- B) - Reescrever o texto consultando o dicionário (livro obrigatório para a consulta do aluno).

Considerar-se-á eliminado o problema quando o aluno, ao produzir o texto e ao corrigi-lo, passar a consultar o dicionário com naturalidade.

Com certeza o leitor está a perguntar-se por que realizar tantas atividades de ortografia e o porquê de tal seqüência nas atividades sugeridas.

Como foi dito anteriormente, o princípio que deve embasar a presente sugestão de atividades é o da "autocorreção" dos problemas por parte do aluno. Evidentemente que para se chegar a autocorrigir-se, há necessidade da realização de atividades que propiciem a criação deste hábito. Só se aprende fazendo. Por mais que digamos da necessidade de se consul-



tar o dicionário ao escrever o texto, o aluno continua grafando fora dos padrões ditados pelas normas da língua padrão. Por isso é indispensável a realização de uma prática que tenha uma graduação progressiva a nível de dificuldades a serem vencidas.

Nesse sentido, observe-se que as sugestões de atividades propostas iniciam pela mera identificação dos problemas, mas sempre dentro de uma totalidade --o texto do aluno-- até chegar ao nível de criação do hábito de consultar o dicionário. Aliás, este é o objetivo maior e último dessas atividades.

Note-se, também, que o aluno terá que ler e grafar muito. Em todas as atividades propostas (1 a 8), há sempre a sugestão de que o aluno reescreva todo o texto. Primeiro, porque como foi dito, só aprendemos a fazer fazendo. Segundo, é necessário que aprendamos a grafia correta dos vocábulos dentro do contexto lingüístico em que são utilizados. Terceiro, porque somos de opinião de que a criança precisa exercitar seus tipos de memória em potencial (já que acreditamos ser o problema ortográfico mais um problema de falta de memorização do que qualquer outra coisa). Precisa realizar atividades que exercitem as memórias visual, auditiva e motora.

A par dessas atividades, parece-nos indispensável desenvolver atividades dentro de um processo educacional que leve o aluno a vivenciar as seguintes etapas do processo cognitivo:

- a) identificação do problema a ser atacado (no caso, problemas de ortografia);
- b) levantamento de hipóteses para solucioná-lo (que palavra está errada, que tipo de erro...);
- c) testagem das hipóteses levantadas (consultar colegas, professor, gramáticas, dicionário ...);
- d) resolver o problema.

Gostaríamos ainda de reforçar a idéia de que o ensino de ortografia não pode acontecer desvinculadamente do ensino de língua portuguesa. Há uma série de atividades anteriores às de ortografia.

O aluno precisa ler para, entre outras coisas, interiorizar o mecanismo da língua escrita. Porém ninguém adquire o hábito de ler sem desenvolver uma "prática de leitura de textos"<sup>15</sup> informativos, literários, ... E esta prática cabe também ao professor desencadear na sala de aula, visto que a maioria dos alunos não são iniciados na leitura antes de vir à escola. Ninguém adquire o hábito de escrever sem uma "prática de produção de textos"<sup>16</sup> dos diferentes tipos necessá-

rios para seu interrelacionamento e agir na sociedade complexa em que vivemos.

Espera-se que o texto tenha alcançado seus objetivos: --levantar algumas idéias sobre o ensino de ortografia no ensino de língua portuguesa e sugerir algumas atividades para desenvolvê-lo. Aguarda-se, portanto, críticas tanto às idéias levantadas quanto às sugestões propostas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GERALDI, João Wanderley. Subsídios Metodológicos para o Ensino Língua Portuguesa (5ª a 8ª Série). Cadernos da FIDENE-18, jul. 81. Ijuí, RS.
2. VOESE, Ingo. Estudo da Influência do Sistema Fonológico da Língua Nativa sobre o da Língua Estrangeira. In Revista do CEPPELL, ano 1 - nº 01 - 1975. APESC, Santa Cruz do Sul, RS.
3. \_\_\_\_\_ Idem, Ibidem, p6
4. \_\_\_\_\_ Idem, Ibidem, p8
5. \_\_\_\_\_ Idem, Ibidem, p10
6. LANGACKER, Ronald W. A Linguagem e sua Estrutura. Ed. Vozes Ltda., Petrópolis, RJ. 1972.
7. LEMLE, Míriam. Reforma Ortográfica: uma Questão Lingüística ou Política? Texto mimeografado. FIDENE - Ijuí, RS.
8. \_\_\_\_\_ Idem, Ibidem
9. \_\_\_\_\_ Idem, Ibidem
10. \_\_\_\_\_ Idem, Ibidem
11. GERALDI, João Wanderley. O Texto na Sala de Aula. Leitura & Produção. UNICAMP/ASSOESTE. ASSOESTE Editora Educativa. Cascavel, Pr. 1984.
12. GERALDI, Idem, Ibidem
13. \_\_\_\_\_ Idem, Ibidem
14. \_\_\_\_\_ Idem, Ibidem
15. \_\_\_\_\_ Idem, Ibidem
16. \_\_\_\_\_ Idem, Ibidem